

AS FALHAS E OS SENTIDOS: UMA DISCUSSÃO SOBRE A ESTRUTURA DA LINGUAGEM À LUZ DO SISTEMA LINGÜÍSTICO SAUSSURIANO E DO FUNCIONAMENTO DO SIGNIFICANTE LACANIANO.

Denise Lima G. da SILVA¹ (UFPB)

RESUMO: O presente trabalho pretende discutir a questão da produção de sentidos na aproximação entre lingüística e psicanálise. Os sentidos de que falamos se referem àqueles movidos pelos deslocamentos, pelas falhas. Tanto em Saussure quanto em Lacan existe a idéia de que há algo na produção do discurso que foge ao domínio do sujeito, algo que escapa ao locutor. Procuramos refletir como a língua possui uma estrutura que permite as falhas, ou seja, permite a produção de sentidos que não deram certo como algo constitutivo de sua própria natureza, com base no sistema lingüístico saussuriano e no funcionamento do significante lacaniano.

ABSTRACT: This paper intends to discuss the question of the meanings production throughout the relation between linguistics and psychoanalysis. The meanings we talk about are attached to those moved by the displacements, the meanings that "fail". Either in Saussure or in Lacan there is the idea that something in the speech production escapes the subject domain, something that escapes from the speaker. We intend to reflect how the language has a structure that allows the fails, allows the meanings production that went wrong as something constituent of its own nature, based on the Saussurian linguistic system and Lacanian signifier working.

1. Introdução

No campo de aproximação entre a lingüística e a psicanálise uma questão torna-se pertinente para nós: a questão da constituição dos sentidos. Os sentidos que buscamos aqui não são apenas os que se encontram expostos na linearidade, no sintagma, no dito, mas sim, os sentidos que se constituem nos deslocamentos, nas falhas, nas rupturas, no momento em que a palavra tropeça e somos falados pela língua.

Compreendemos que tanto em Saussure quanto em Lacan existe a idéia de que há algo na produção do discurso que foge ao domínio do sujeito, algo que escapa ao locutor. Ao falar sempre dizemos mais do que pretendemos, mais do que temos consciência, ou usando as palavras de Lacan (1987, p. 275): “atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer e, atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer dizer e nada será nunca esgotado”.

A princípio, no campo da lingüística, falar de uma produção de sentido que falha, falar sobre o *non-sense*, pode soar como algo estranho, mas é o próprio Saussure quem mostra um caminho, quando em anotações de Riedlinger (apud FEHR, 2000, p.133) afirma que “o interessante no signo a ser estudado são os aspectos através dos quais ele escapa a nossa vontade. É lá que está a esfera verdadeira, pois não podemos mais reduzi-la”.

A questão do sentido para a lingüística não deve estar colocada apenas a partir do óbvio, do sentido que deu certo, do que está exposto na cadeia sintagmática, mas também “no movimento contrário, isto é, nos momentos em que no sintagma a língua escapa ao locutor revelando sua existência” (NÓBREGA, 2002, p.167).

No campo da psicanálise, o ato falho e o chiste têm um valor essencial na descoberta freudiana, pois é lá que se encontra a verdade do sujeito. É na direção do *non-sense* que o analista deve olhar. Lacan (1996a, p. 225), em sua releitura da obra de Freud, estabelece uma relação entre as formações do inconsciente e a linguagem. Para ele, “é toda estrutura de linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente”.

Arrivé (1999) sugere que a estrutura de linguagem que Lacan diz ser do inconsciente se assemelha ao sistema da língua tal como pensada por Saussure. Em alguns momentos chega a questionar se a língua saussuriana já não é, por alguns dos seus aspectos, alíngua lacaniana. O autor, em seus estudos sobre as diferenças e as semelhanças entre o significante lacaniano e o signo saussuriano, explica que embora bastante heterogêneo o significante lacaniano é estruturado da mesma forma que o signo saussuriano.

¹ dslima@msn.com

Em alguns trechos do CLG pode-se perceber a insistência de Saussure na tese de que o signo sozinho não existe, ele só existe no sistema da língua, na relação com os outros signos. A idéia de sistema é nuclear nos trabalhos do lingüista e sempre esteve presente seja na preparação para os cursos de lingüística geral, nos estudos dos anagramas ou nas lendas germânicas. (NOBREGA, 2004).

Em Lacan, a noção de estrutura e de significante são inseparáveis. Arrivé (1999, p.97) afirma que para Lacan não importa o limite do significante, isto é, pode ser um fonema, uma palavra ou uma frase, porque o que “importa não é a substância, acidental, do elemento chamado a funcionar como significante, mas o modo da sua articulação com os outros, isto é, a estrutura”.

Compreendemos que a noção de sistema é nuclear não apenas em Saussure, mas também em Lacan. Assim, para que possamos refletir sobre a produção de sentidos que falham, não procuramos entender o significante lacaniano e o signo saussuriano como elementos isolados. Buscamos perceber o signo saussuriano como elemento que se relaciona dentro de um sistema: a língua, e quanto ao significante lacaniano, como membro de um sistema: a cadeia significante.

Portanto, no primeiro momento deste artigo, procuramos perceber o funcionamento do significante lacaniano na cadeia significante, tentando compreender como os sentidos se constituem nas relações metonímicas e metafóricas. Em seguida, traremos uma reflexão sobre o conceito de arbitrariedade, colocada por Saussure na noção de arbitrário absoluto e arbitrário relativo; e por fim, levantaremos a questão da constituição de sentidos que falham no âmbito das duas disciplinas.

2. O significante lacaniano

Beividas (1994, p.06) explica que em Lacan coabitam duas teorias do significante: uma “teoria de cunho geral do significante”, que Lacan constrói a partir da leitura que faz de Saussure e que vai resultar na sua teorização da metáfora e da metonímia; e uma teoria de “cunho mais local” do significante, onde Lacan introduz “o sujeito na raiz da definição de significante”. Neste trabalho, limitaremos nossas considerações à questão da estrutura, e nela no que diz Lacan enquanto leitor de Saussure.

Lacan (1996a) defende que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Para explicar tal estrutura, Lacan (idem) começa definindo o algoritmo S/s (S - Significante / s-significado) que ele diz ser o que funda a lingüística moderna. O algoritmo é atribuído a Ferdinand de Saussure embora Lacan (idem) reconheça que em nenhuma edição do CLG o signo saussuriano apareça assim descrito.

Beividas (1994, p.06) afirma que Lacan faz uma verdadeira desmontagem do algoritmo saussuriano, para depois montar “peça a peça seu próprio engenho”. Para o autor, Lacan não apenas inverte a posição dos termos, mas ao deslocar o significante para o plano superior do signo, aplicando-lhe a letra maiúscula, inaugura uma hierarquia que não havia em Saussure. A hierarquia do significante sob o significado. O significante assume assim um papel primordial na teoria lacaniana.

Lacan (1988) chama atenção várias vezes para a importância de distinguir o significante do significado. Afirma (idem, p.225) que é impossível estudar como funciona a linguagem se não se faz “no início a distinção do significante e do significado”. Para Lacan (idem) o significante tem suas leis próprias, independente do significado. O significado é definido como um efeito do significante.

Lacan (1988), para explicar o que é da ordem do significante, utiliza o exemplo do passo na areia. O passo na areia é um sinal que o objeto deixa para trás, que independe do sujeito para existir e está lá mesmo sem ninguém para olhá-lo. O significante, afirma Lacan (idem, p.192):

[...] pode estender-se a muitos elementos do domínio do sinal. Mas o significante é um sinal que não remete a um objeto, mesmo sob a forma de rasto, embora o rasto anuncie, no entanto, o seu caráter essencial. Ele é também um sinal de uma ausência. Mas, na medida em que ele faz parte da linguagem, o significante é um sinal que remete a um outro sinal, que é como tal estruturado para significar a ausência de um outro sinal, em outros termos, para se opor a ele num par.

A definição acima leva a pensar que, assim como o signo saussuriano, o significante lacaniano não tem referência ao objeto, ele existe na relação com os demais dentro de um sistema, e é neste movimento de um a um que os sentidos se constituem. Isto pode ser percebido quando Lacan (1996a, p.232) diz que “somente as correlações do significante ao significante lhe dão o padrão de toda busca de significação”.

Conforme explica Lacan (1998, p.813): “O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso e na cogitação a que ele dá forma”. A cadeia significante é o lugar que permanece

permeável aos efeitos “propriamente significantes da metáfora e da metonímia” (LACAN 1999, p. 18). A metáfora e a metonímia se apresentam como as duas “vertentes fundamentais do jogo do inconsciente” (LACAN, 1996b, p. 338). Os movimentos da metáfora e da metonímia mostram como os significantes se articulam dentro da cadeia, como o sentido se produz.

A metonímia caracteriza-se pela relação entre significantes, numa conexão linear de palavra em palavra. Os significantes se unem uns aos outros. Lacan (1999, p.78) afirma que a “metonímia consiste na função assumida por um significante S no que ele se relaciona com outro significante na continuidade da cadeia significante”. Utilizando o exemplo da metonímia de *trinta velas* dita em lugar de *trinta navios*, Lacan (idem) explica que a função atribuída à vela em relação ao navio está numa cadeia significante; está na continuidade da cadeia, e não numa substituição. A metonímia refere-se, então, a uma transferência de significação ao longo da cadeia.

A metáfora, por sua vez, refere-se à função assumida por um significante S em que esse significante irá substituir um outro numa cadeia significante”. Para Lacan (1996a, p.237) a centelha criadora da metáfora não jorra de dois significantes igualmente atualizados, mas jorra “entre dois significantes dos quais um substitui o outro lhe tomando o lugar na cadeia significante, o significante oculto permanecendo presente pela sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia”.

A fórmula da metáfora lacaniana demonstra como ocorre o mecanismo de substituição no qual o significante que ele denomina de S é colocado no lugar do outro significante que ele denomina de S'. E é o próprio Lacan (1999, p. 63) quem pergunta: Qual é a consequência desta substituição? Esta substituição produz “no nível de S' uma mudança de sentido - o sentido de S' torna-se um novo sentido” afirma ele. A criação de sentido é para Lacan a finalidade do funcionamento da metáfora. A metáfora se situa no ponto em que o sentido se produz no sem-sentido.

Para Lacan (1999) a estrutura da cadeia significante aponta para a possibilidade que se tem de utilizar a língua para significar algo totalmente diferente do que ela diz. Assim, para explicar como o *non-sense* acontece, Lacan (idem) apresenta um esquema em que divide o discurso em duas linhas: uma primeira linha que é a cadeia significante e uma segunda linha que é a do discurso racional, “lugar em que se produz o mínimo de criação de sentido, uma vez que o sentido está como dado” (LACAN, idem, p. 19).

Estas duas linhas deslizam uma sobre a outra, encontrando-se em dois pontos: o do código (lugar do grande Outro) e o da mensagem (lugar da significação, produção da metáfora). Para Lacan, o sentido acontece quando as duas linhas se encontram. O sentido que se produz neste deslizamento não é o sentido que está exposto como já mencionamos, mas quando algo inesperado surge. Para Lacan (1999), o sentido aparece no inesperado, quando a linha do discurso racional (aquele que fala para nada dizer) desliza na cadeia significante, aquela em que está formado o inconsciente, os processos recalcados.

Para Lacan (1999 p. 52) as leis de composição do inconsciente, que ele denomina de leis do significante, coincidem exatamente com as leis de composição do discurso. Como explica ele, a estrutura do inconsciente corresponde “ao que a análise lingüística nos permite situar como sendo os meios essenciais de formação do sentido, na medida em que este é gerado pelas combinações do significante”.

Vejamos então o sistema lingüístico saussuriano na noção de arbitrário absoluto e arbitrário relativo.

3. A arbitrariedade saussuriana

O princípio da arbitrariedade do signo é, para Saussure, o fio condutor de uma teoria sobre a língua. Como explica Bouquet (1997), o conceito de arbitrário torna-se fundamental no pensamento de Saussure porque sustenta diretamente a noção cardinal de sua lingüística: a de valor.

A importância deste princípio pode ser percebida claramente na passagem do CLG (1975, p.82) que se refere ao arbitrário do signo:

O princípio mencionado acima domina toda a lingüística da língua; suas consequências são inúmeras. É verdade que nem todas aparecem, à primeira vista, com igual evidência; somente ao cabo de várias voltas é que as descobrimos e, com elas, a importância primordial do princípio.

De Mauro (1995, nota 138) revela que este parágrafo do CLG é um reflexo “fiel das fontes manuscritas”, e que a passagem é importante porque leva a considerar que Saussure tinha descoberto, no princípio do arbitrário, o alicerce de sua sistematização dos teoremas da teoria lingüística, dando assim um primeiro passo na compreensão profunda do tema do arbitrário.

Bouquet (1997, p.234) explica que o termo arbitrário é empregado por Saussure para designar duas relações bem distintas: “ele vale, de um lado para a relação, interna ao signo, entre significante e significado; vale, de outro lado, para a relação que une entre eles os termos do sistema de uma língua dada”. Compreendemos que a primeira relação refere-se ao arbitrário absoluto (signo isolado) ao passo que a segunda ao arbitrário relativo (signo no sistema).

Em seus estudos Saussure retoma a discussão sobre a arbitrariedade do signo, se contrapondo à concepção aristotélica da língua enquanto nomenclatura e sua permanência na época moderna através da gramática racionalista de Port-Royal. (DE MAURO, 1995, nota 129). Esta posição de Saussure pode ser constatada também nos manuscritos (2002, p. 282) quando em anotações para o terceiro curso, refletindo sobre a arbitrariedade do signo e a noção de termo ele coloca: “se fosse possível que uma língua consistisse unicamente em denominar os objetos, os diferentes termos dessa língua não teriam relação entre si, ficariam tão separados uns dos outros quanto os próprios objetos”.

Conforme o CLG (1975), o laço que une o significante ao significado é arbitrário, e sendo o signo resultante da associação de um significante com um significado pode-se dizer que o signo lingüístico é arbitrário, isto é, que não existe um vínculo natural com a realidade, não há relação analógica entre significante e significado, o significante é imotivado em relação ao significado.

De Mauro (1995, nota 136) explica que a palavra *radicalmente*, presente nas anotações de aulas (B.Engler), desaparece no texto dos editores. Nas anotações consta que o vínculo que une o significante ao significado é radicalmente arbitrário. De Mauro acredita que como se tratava de uma formulação muitas vezes analisada por Saussure é pouco provável que o advérbio *radicalmente* tenha sido usado como pleonismo. O que seria mais legítimo pensar é que este advérbio teria na formulação um sentido pleno: “o vínculo é arbitrário *radicitus*, em seus próprios fundamentos, à medida que ele liga entre si duas entidades produzidas de maneira semelhante, graças ao corte arbitrário na substância acústica e na substância significativa”.(DE MAURO, 1995, nota 136).

O princípio fundamental da arbitrariedade, explica Saussure (CLG, 1975, p.152) não impede distinguir em cada língua o que é radicalmente arbitrário (imotivado) do que é relativamente arbitrário. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária, enquanto que em outras o signo pode ser relativamente motivado.

Assim *vinte* é imotivado, mas *dezenove* não o é no mesmo grau, porque evoca os termos dos quais se compõe e outros que lhe estão associados, por exemplo, *dez*, *nove*, *vinte e nove*, *dezoito*, *setenta* etc: tomados separadamente *dez e nove* estão na mesma condição que *vinte*, mas *dezenove* apresenta um caso de motivação relativa. O mesmo acontece com *pereira*, que lembra a palavra simples *pêra* e cujo sufixo-*eira* faz pensar em *cerejeira*, *macieira*; nada de semelhante ocorre com *freixo*, *eucalipto* etc.

Conforme o CLG (1975), Saussure coloca que todo o sistema da língua repousa no princípio irracional da arbitrariedade do signo, logo se procura introduzir um princípio de ordem e de regularidade e este é o papel do relativamente motivado. Saussure diz que é justamente entre “os dois limites extremos – mínimo de regularidade e mínimo de arbitrariedade - que se encontram todas as variedades possíveis”. (CLG, idem, p.154)

Para Bouquet (1997), Saussure não só retoma, como renova a noção de arbitrário. Como explica o autor, a renovação teórica de Saussure do tema do arbitrário decorre da unificação, no seio de um mesmo conceito, de três relações distintas implicadas pela língua: uma relação entre significante e significado (arbitrário interno do signo); uma relação mantida pelos significantes no seio do sistema fonológico (arbitrário interno do sistema fonológico) e por fim uma relação mantida no seio do sistema semântico (arbitrário interno do sistema semântico). Esta tripla dimensão do conceito de arbitrário permite considerar a propriedade geral de um arbitrário da língua.

Na visão de Bouquet (1997, p. 228), o CLG apresenta “um reflexo sensivelmente deformado da problemática do arbitrário”, não correspondendo a uma formulação original de Saussure. Partindo dos textos originais, o autor reflete sobre a noção saussuriana de arbitrariedade, esclarecendo assim alguns equívocos dos editores do Curso.

No CLG, o primeiro alvo do mal-entendido, explica Bouquet, é quanto à ambigüidade ligada ao conceito de signo. O termo signo é empregado por Saussure ao longo de suas aulas e de seus escritos em duas acepções: uma designa a entidade lingüística global composta de uma face fonológica e de uma face semântica, e a outra designa apenas a face fonológica.

A preocupação de Saussure quanto ao uso terminológico da palavra signo é expressa várias vezes nas notas dos alunos. Na aula de 2 de maio de 1911, Saussure (apud BOUQUET, 1997, p. 230) enfatiza:

Uma questão que confessamos não conseguir resolver é chegar a um entendimento neste ponto: chamaremos de signo o total, a combinação do conceito com a imagem [acústica]? Ou a própria imagem acústica [...] pode se chamar signo? [...] Seria preciso dispor de duas palavras diferentes. Nós faremos o possível para evitar as confusões, que poderiam ser muito graves.

Somente em 19 de maio de 1911, conforme Bouquet (1997), Saussure introduz pela primeira vez o par terminológico: *significante e significado*. Para o autor, Bally e Sechehaye não fazem menção no Curso aos questionamentos de Saussure. A reflexão aparece de forma sutil no CLG (1975, p.81): “chamaremos signo a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica sendo alvo de suas reflexões”.

O segundo fato que Bouquet (1997, p.231) chama atenção é que os redatores do Curso optaram “por estender retroativamente ao conjunto de seu texto o par terminológico *significante e significado* que, de imediato, conheceu a celebridade”. Assim, Bouquet (idem, p.232) defende que o fato dos editores não terem exposto no CLG as reflexões de Saussure quanto à terminologia *significante/signo* comprometeu a noção de arbitrário, uma vez que o conceito de arbitrário do signo “como uma dimensão mais ampla do que a do arbitrário do *significante* diante do *significado*” não aparece no contexto do *Cours*.

O mecanismo da língua, colocado por Saussure na questão do arbitrário absoluto e arbitrário relativo, nos faz crer que o conceito de arbitrário do signo assume uma dimensão mais ampla do que a relação interna do *significante* diante do *significado*. Entendemos que se olharmos para o arbitrário relativo perceberemos que os signos se relacionam uns com os outros, permitindo um movimento próprio à língua. A noção de arbitrariedade traz, então, características importantes para a constituição do sistema lingüístico.

Em Fehr (2000), Saussure - no esboço destinado a um artigo em homenagem a Whitney - apresenta a questão da arbitrariedade defendendo duas teses: a primeira de que a arbitrariedade do signo faz a língua diferente de qualquer outra instituição e a segunda de que por conta da arbitrariedade do signo a língua escapa a toda regra corrigível ou dirigível pelo espírito humano.

4. Saussure e Lacan: falhas e sentidos

Quando Arrivé (1999) coloca que o *significante* lacaniano é estruturado da mesma forma que o signo saussuriano, pensamos que é para a idéia de sistema que temos que olhar. No estudo destes dois sistemas, como dissemos no início deste artigo, uma questão se destaca para nós: a constituição dos sentidos que falham. Vimos que há uma certa semelhança entre o funcionamento do *significante* lacaniano, na cadeia *significante*, e o signo saussuriano, no sistema da língua.

No sistema da língua, o signo saussuriano não existe isolado, os sentidos se constituem na relação como os outros signos. O conceito de arbitrariedade nos permite entender que o signo não tem referência externa, só pode ser explicado e compreendido no sistema da língua que tem sua ordem própria; o sujeito falante apenas recebe a língua como tesouro da coletividade, o sujeito não determina as suas relações. (NÓBREGA, 2002).

Na cadeia *significante*, o *significante* lacaniano também não existe sozinho, a significação só se produz na correlação de *significante* a *significante*. O *significante* lacaniano não tem referência externa, não remete ao objeto, “o nascimento do *significante* é a simultaneidade, e também a sua existência é uma coexistência sincrônica”. (LACAN, 1988, p.207).

Para a psicanálise, não há novidade alguma em buscar compreender o *non-sense*, uma vez que o que mais importa para o analista é o momento em que o discurso pode desfacelar, desfazer, cair, onde a falha aparece, fazendo vacilar as significações mais estabelecidas. A psicanálise, em Freud e em Lacan, já nos mostra como as falhas constituem os sentidos.

Os estudos lingüísticos em sua maioria procuram compreender a constituição de sentidos partindo dos elementos que estão expostos na linearidade da cadeia sintagmática. No entanto, compreendemos em Normand (1990) que a questão do sentido a ser estudada não deve apenas partir do óbvio, mas da falta de compreensão. Neste trabalho buscamos refletir o momento em que a palavra escapa ao locutor.

Assim, percebemos que o sistema da língua, tal como pensada por Saussure na concepção da arbitrariedade, pode abrir um caminho para compreender como a língua permite a produção de sentidos que falham. Pensamos que o princípio do arbitrário absoluto e do arbitrário relativo permite um movimento

dentro do sistema lingüístico, movimento este que possibilita deslizamentos de sentidos, e estes, fugindo de certa forma a uma escolha, a uma determinação direta do sujeito, estão sempre propícios de serem outros. Afinal é entre “os dois limites extremos – mínimo de regularidade e mínimo de arbitrariedade - que se encontram todas as variedades possíveis”. (CLG, 1975, p.154).

5. Referências bibliográficas

ARRIVÉ, Michel. **Linguagem e Psicanálise, lingüística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

BEIVIDAS, Waldir, **O significante em psicanálise e a preterição do significado.** Versão em português de artigo publicado sob o título “The signifier in psychoanalysis and preterition of the signified” Bacab-working papers 2ª série, nº 1, vol. 1, São Paulo, Centro de Estudos Semióticos, 1994. Disponível em: <<http://www.nucleosephora.com/>>. Acesso em 01 jun 2006.

BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure.** São Paulo: Cultrix, 1997.

DE MAURO, Tullio. “Notas”. In: SAUSSURRE, Ferdinand. **Cours de Linguistique Générale.** 4.ed. Paris: Payot, 1995.

FEHR, Johannes. **Saussure entre linguistique et sémiologie.** Paris: PUF, 2000.

FREUD, S. A interpretação de sonhos. In: J. Salomão (Org.), **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 4 e 5. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Original publicado em 1900).

_____. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: J. Salomão (Org.), **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 6. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Original publicado em 1901).

_____. Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: J. Salomão (Org.), **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 8. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Original publicado em 1905).

KOMATSU, Eisuke; HARRIS, Roy. (Eds.). **Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin.** Oxford: Pergamon Press, 1993.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. In **Escritos.** São Paulo: Perspectiva, 1996a.

_____. “A metáfora do sujeito”. In **Escritos.** São Paulo: Perspectiva, 1996b.

_____. “A função criativa da palavra”. In **O Seminário Livro 1 . Os Escritos Técnicos de Freud.** São Paulo: Jorge Zahar, 1987.

_____. **O seminário livro 5.** As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **O Seminário livro 3.** As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. **O Seminário livro 20.** mais, ainda. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

NÓBREGA, Mônica. **O mesmo e o outro: a constituição dos sentidos na articulação entre lingüística e psicanálise.** Porto Alegre: 2002. Tese (Doutorado em Lingüística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS.

_____A língua como sistema de signos: Saussure e seu trabalho com a produção de sentido. **Revista do PPGL**, UFPB. 2004.

NORMAD, Claudine. **La quadrature du sens**. Paris:PUF,1990.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. 7.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____ **Escritos de Lingüística Geral**. Org. Bouquet Simon; Engler Rudolf. São Paulo: Cultrix, 2002.

SILVEIRA, Eliane Mara. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da lingüística**. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.